

Versión digital en :

<http://www.uam.es/mikel.asensio>

Discursos museológicos aplicados à arqueologia – O caso de Braga.

Daniela De Freitas Ferreira y Filipe Costa Vaz

Universidade do Porto

Resumo: Como disciplina a jusante e mediadora entre vários ramos de conhecimento, as novas correntes da museologia intervêm activamente na formulação de discursos arqueológicos e na forma como estes são transmitidos ao público. Usando como case study o exemplo de Braga, reflectiremos sobre que formas de pensar a arqueologia são representadas, que discursos e que valores estão patentes nas colecções de arqueologia, e de que forma os museus de arqueologia materializam o novo entendimento do que é a ciência. Nos dias de hoje pede-se aos museus de arqueologia que investiguem; conservem e exponham, que se concebiam como lugares de contacto, de questionamento, diálogo e participação cívica. Pede-se-lhes que dêem primazia às pessoas e às culturas em detrimento do foque que outrora estava depositado nos objectos e, por último pede-se-lhes que vão ao encontro das comunidades adequando o discurso arqueológico a todos os públicos e conciliando essa abertura à sociedade com o espírito de honestidade científica. A concretização e conciliação destes deveres museológicos e arqueológicos nem sempre são conseguidas de forma pacífica tal como os vários exemplos de musealização de sítios arqueológicos e museus de arqueologia de Braga, que serão apresentados, o testemunham.

Palavras-Chave: Discursos museológicos; Arqueologia; Património; Braga

Abstract: *As a discipline in the midst of several fields of knowledge, the new currents of museography intervene actively in the formation of archaeological discourses and how they are transmitted to the public. Using Braga as a case study, we will reflect on which ways of thinking archaeology are represented, what discourses and values are present in the archaeological collections and displays, and how*

Braga museums and museological sites materialize the new understanding of what science is. In today's society, museums are request to investigate; to conserve and to display. They need to be conceived as places of contact, questioning, dialogue and civic participation. Museums are requested to give people the focus and attention that once was centered in the objects. For last, they are requested to meet the needs of their surrounding communities, without letting go of the necessary scientific ethic. The concretization of this sense of duty, both archaeological and museological, not always is perfectly accomplished in a peaceful and harmonic way, just like the several examples of musealization of archaeological sites and museums of archaeology in Braga, which we will present, might show.

Key Words: *Museological discourses, Archaeology, Heritage, Braga*

Políticas de musealização em arqueologia – Do primado do Artefacto à primazia da Pessoa

Surgidas dos avanços científicos dos finais do séc. XIX, tanto a Arqueologia como a Museologia caminharam um longo percurso até aos dias de hoje. Este percurso, muitas vezes feito através de caminhos comuns e de uma forma pautadamente entrecruzada, apresenta actualmente uma mesma dinâmica e um mesmo fim direccionado para o contributo social que estas ciências podem providenciar na conjuntura actual. Estes processos de adaptação, actualização e reformulação nem sempre estiveram, no entanto, sujeitos a um vínculo intuitivo e primordial entre a finalidade destas ciências e as concepções de contributo social; pertinência ou até mesmo, como já vem sendo imprescindível no que diz respeito às políticas de musealização, os conceitos de abertura⁸⁹; pluralidade; ou inclusão. De facto, estruturada por um exacerbado sentido positivista, a prática e teoria arqueológicas até meados do século XX, tinha como foco principal o objecto (artefacto) concebido como o elemento primordial e recurso fundamental para o conhecimento do passado⁹⁰ - sem esquecer o fenómeno do coleccionismo que sempre lhe esteve associado. Paralelamente, a museologia aplicada a colecções de arqueologia e sítios arqueológicos sofria grandes influências dos tradicionais museus de

89 [Camacho, 2008, p.9] “(...) Abertura e alargamento, consubstanciadas na abertura dos museus à sociedade, no alargamento e na complexificação organizacional”

90 Sobre o qual se procede ao “(...) desenvolvimento da cronologia, descrição histórica dos materiais arqueológicos e dos povos representados por esses artefactos” [Bicho, 2006, p.20]

arte, constrangidos na rigidez das exposições, sacralizando o objecto artístico e criando muros intransponíveis entre o visitante e a coisa observada. O resultado destas duas tendências (arqueológica e museológica) passou inevitavelmente pela contaminação dos discursos e soluções aplicadas na musealização de sítios arqueológicos que se estruturaram em redor da materialidade “objectificada”, com o amplo recurso a exposições das várias tipologias de artefactos (desconsiderando, neste processo, o papel das culturas, do Homem e das histórias por detrás das materialidades, elementos fundamentais ao estabelecimento de vínculos entre o objecto exposto e o visitante). Este centrar excessivo no objecto e no tipo de informação que veicula, (e a forma como é conseguida), tem como clara consequência a concepção dos museus de arqueologia tradicionalistas como espaços pouco sedutores e apelativos para a generalidade dos públicos, pelo inverso, são entendidos como espaços sujeitos a um protocolo social deveras rígido, a que apenas as elites culturais tinham acesso e, por conseguinte, possuidores de uma imensa carga simbólica prestigiante e de estatuto.

Este panorama altera-se substancialmente nas últimas décadas, altura em que a instituição museu assiste a uma profunda mudança de paradigma – readaptando-se e reconstruindo-se como organismo conciliador das componentes cultural e social⁹¹, convertendo-se numa ferramenta importante de inclusão e adquirindo um destaque pedagógico e educativo fundamental na comunidade⁹².

Influenciados por esta mudança e renovação, os museus dedicados à arqueologia e os sítios arqueológicos musealizados perdem, progressivamente, o seu carácter passivo, elitista, monótono e fechados sobre si mesmos e sobre os objectos “sacralizados” que expunham⁹³; e tornam-se entidades activas e interventivas para o desenvolvimento da sociedade, contribuindo para a sua transformação.⁹⁴

91 [Camacho, 2008, p.9] - “(...) a instituição museu, progressivamente encarada como uma entidade, em que as vertentes cultural e social se posicionam inexoravelmente lado a lado (...)”

92 [Idem, ibidem, p.12] - “(...) museus enquanto entidades educativas, num sentido amplo e abrangente, e enquanto entidades sociais, que podem contribuir activamente, através das suas práticas, para a inclusão social.”

93 - [Semedo, 2008, p.29] “(...) uma abordagem que despertaria uma consciência social centrada nas pessoas em detrimento de uma abordagem de mera devoção-a-objectos.”

94 Esta mudança deve-se sobretudo à crescente profissionalização dos museus com o gradual desenvolvimento do ensino especializado em museologia e com a abertura deste campo a contribuições de áreas tão diferentes como as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), a sociologia, o design, a filosofia, a arquitectura, entre muitas outras ciências com quem se passa a associar. “Multi” e “trans” (disciplinaridades) são agora os prefixos dominantes na arqueologia e museologia corrente, trazendo novas e diversas formas de olhar estas ciências.

No que diz respeito à natureza social dos museus e sítios arqueológicos musealizados, o seu contributo é ainda reforçado pelo facto de ser, porventura, o mais importante elo de divulgação do papel social do arqueólogo e da arqueologia, para além da sua importante acção para a preservação da identidade das regiões; para a manutenção e preservação da memória colectiva e, por fim, para a consolidação do sentimento de pertença a um dado território num contexto socioeconómico em que a individualidade cultural é cada vez mais ameaçada pelo capitalismo global e pelas culturas de massa, efémeras e homogeneizadas. Este contributo só é passível de ser conseguido reformulando-se a concepção tradicional do museu de arqueologia e adequando as colecções que o constituem aos mais diversos públicos, tornando-as atractivas e acessíveis a todos, mantendo, no entanto, o indispensável rigor científico que as motiva em primeiro lugar. Para tal, é necessário que os sítios arqueológicos intervencionados pela museologia e de forma mais flagrante, os museus de arqueologia, se concebam segundo a especificidade dos públicos a que se dirigem⁹⁵ e se alicercem no território de uma forma aberta e abrangente. É fulcral que os discursos adoptados sejam facilmente compreensíveis e que se estruturam em múltiplos níveis moldados aos vários tipos de públicos; que se conte uma história a partir dos objectos ultrapassando assim a mera exposição, entrando já no campo da teoria da comunicação. Sob uma perspectiva teórica da arqueologia, museus e exposições que versam esta área são agora coagidos a pensar criticamente: já não podem apenas expor objectos e as suas mensagens através de verdades dogmáticas. Pelo contrário, é-lhes exigido que apresentem várias hipóteses e perspectivas e que deixem questões em aberto evitando uma postura teórica arreigadamente positivista, característica de um completamente datado histórico-culturalismo⁹⁶.

De facto, pede-se aos museus de arqueologia dos nossos dias, que investiguem; preservem e exponham, que se concebam como lugares de contacto, de questionamento, diálogo e participação cívica. Pede-se-lhes que dêem primazia às pessoas e às sociedade em detrimento do foque que outrora estava depositado nos objectos e, por último pede-se-lhes que vão ao encontro das comunidades adequando o discurso arqueológico a todos os públicos e conciliando essa esta abertura à sociedade com o espírito de integridade e ética científica. Em suma, e citando as palavras de Luís Raposo, “(...) aquilo por que nos batemos é por museus que investiguem, conservem e exponham. E o façam exactamente pela ordem

95 [Edson et al, 1994, p.6] - “The changing attitudes and practices of museums should reflect the audience being served.”

96 [Bicho, 2006, p.21]; [Hodder,1992]

indicada – a única que lhes pode garantir espaço de afirmação específica. Museus, que estejam antes de mais alicerçados em actividades de pesquisa próprias (...); museus, enfim, que tenham a coragem de apresentar, em permanência, um núcleo expositivo central: a síntese do saber de cada época, na sua respectiva área de especialidade”.⁹⁷

Case-Study: Musealização de sítios Arqueológicos em Braga

Na aplicação do novo discurso museológico grandes passos têm sido dados no sentido de enquadrar os museus e espaços arqueológicos musealizados da cidade de Braga nas novas exigências que são solicitadas à arqueologia e à museologia. A articulação e o resultado da sinergia entre estas novas perspectivas museológicas com o património arqueológico é o que estará em análise nas considerações que se seguem.

Apotencialidade patrimonial e cultural da cidade de Braga é, num âmbito não apenas nacional mas também à escala do norte da Península, incontestável e fortemente alicerçada na vertente arqueológica. Nela se destacam não só monumentos de cronologia romana mas, de igual forma, um diversificado património de origem medieval e moderna, assim como vestígios anteriores à presença latina, essencialmente ligados à pré-romanização. Apesar desta diversidade, a cidade e sobretudo o centro histórico, tem conferido um particular destaque à valorização patrimonial associada à fundação de Braga como a cidade romana de Bracara Augusta. Desta forma, existem um pouco por toda a urbe Bracarense exemplos de musealização de ruínas arqueológicas atestando a importância da cidade ao longo dos últimos dois mil anos. Ocupando um lugar de destaque neste conjunto estão as Termas Romanas do Alto da Cidade e o Teatro situado nas suas imediações. A poucos metros, rodeado por uma área de reserva arqueológica, está o terceiro elemento constituinte deste verdadeiro pólo cultural da cidade: o Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, espaço de excelência no panorama cultural Bracarense. Ao avançar para o interior do núcleo urbano vão surgindo vários espaços musealizados de cronologia romana que importa referir. A Fonte do Ídolo e a Domus da Escolha Velha da Sé são os espaços de maior visibilidade, no entanto há a destacar ainda um pequeno troço da Cloaca Romana situada na Biblioteca Municipal Lúcio Craveiro e o núcleo de ruínas da Domus das Frigideiras do Cantinho. Estes espaços, recentemente interligados através do Itinerário Arqueológico Urbano da Cidade de Braga (tendo como pedra central o Museu D. Diogo de Sousa) constituem o principal cartaz turístico da cidade no respeitante ao património arqueológico.

97 [Raposo, 1996, pp.150-152]

Apesar desta herança romana que contribui para vincular Braga a uma posição de destaque no enquadramento da arqueologia clássica em Portugal – à semelhança do que acontece numa maior escala por exemplo, com Conímbriga e em Espanha com Mérida – a presença de património musealizado de outras épocas é igualmente relevante e apreciável. Durante as obras de reformulação na Estação de Caminhos-de-Ferro foram descobertas e devidamente integradas, as ruínas de um Balneário Pré-Romano, constituindo este o mais importante vestígio proto-histórico da cidade. Já na pré-história há a realçar a musealização da mamoa de Lamas, a pouco mais de 7km a norte do centro de Braga.

Está assim introduzida a base patrimonial sobre a qual incidem as políticas de musealização que serão objecto de análise, verificando-se de que forma traduzem os novos conceitos museológicos.

No seguimento da reorientação da estratégia dos museus, a definição das soluções museológicas a adoptar na promoção e apresentação dos diferentes espaços arqueológicos (de acordo com as suas características; exigências e limitações) adquire uma particular importância para o enquadramento teórico da política de musealização em Braga nas correntes da designada Nova Museologia. Sobre este aspecto, e considerando a particularidade dos locais arqueológicos constituintes do já mencionado Itinerário Arqueológico Urbano da Cidade de Braga, salienta-se uma evidente uniformização dos discursos e soluções museológicas adoptadas. Esta tendência relaciona-se certamente com a procura de uma homogeneização da orientação patrimonial para a cidade conseguida através da criação de um roteiro turístico articulado e projectado com base em preocupações museológicas análogas (preocupações que reflectem o próprio advento em território nacional da renovação e reformulação do Museu trazida pela Nova Museologia). Por conseguinte, sítios arqueológicos como a Domus da Escola Velha da Sé; Fonte do Ídolo; Termas Romanas do Alto da Cividade; Frigideiras do Cantinho; Cloaca Romana da Biblioteca Lúcio Craveiro; Balneário pré-romano da Estação e o próprio Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa; concebem-se segundo uma mesma linha orientadora privilegiando preocupações patrimoniais semelhantes, onde as máximas de conservação dos locais e de integração com as populações são evidentes. Estas preocupações apresentam-se, desde logo, visíveis pelas soluções museológicas adoptadas no núcleo da Domus de Frigideiras do Cantinho e na Cloaca Romana da Biblioteca Lúcio Craveiro: nestes dois locais, adoptando uma mesma forma de divulgar a ruína, procurou-se integrá-la em espaços com distintas funções (numa pastelaria e numa biblioteca, respectivamente), exibindo-as através da colocação de placas vítreas entre a ruína (que se apresenta sob

o piso térreo dos edifícios) e o próprio edifício no desempenho da sua função principal. O objectivo passaria por integrar a arqueologia e o património da região no quotidiano das populações, estimulando assim o sentimento de identificação e, simultaneamente, conservando um património que, de outra forma, seria destruído pelas construções actuais. Embora o projecto não cumpra os resultados a que se propôs – uma vez que as placas de vidro se encontram deterioradas não permitindo a visualização das ruínas - esta particular solução em tudo se integra nas novas correntes museológicas e arqueológicas que promovem a integração dos locais junto das populações sob o lema de que uma comunidade conhecedora do seu património é a primeira a defendê-lo e que, portanto, a criação de vínculos e a valorização dos sítios arqueológicos se apresenta como o primeiro passo para a sua conservação.

Retomando a ideia da uniformização museológica, destacam-se ainda as soluções de interactividade e multimédia utilizadas nos diversos espaços arqueológicos musealizados, tornando-os mais didácticos, informativos e apelativos ao público que os visita. O próprio design das soluções museológicas utilizadas na concepção dos edifícios, dos painéis informativos; nos folhetos e vitrinas⁹⁸ criam a noção de um percurso articulado e promovem a visita integral dos sítios referidos no Itinerário Arqueológico Urbano, contribuindo para uma visão mais completa e realista da presença romana em Braga. Acrescente-se a isto, a noção de representatividade dos sítios musealizados, manifesta através da selecção de um número limitado de espaços a valorizar. De facto, esta selecção que é levada a cabo com vista à musealização e divulgação destes espaços, permite eleger os locais de maior interesse e maior potencial turístico de entre as várias dezenas de sítios arqueológicos descobertos e escavados nas últimas décadas no núcleo urbano de Braga - partindo do pressuposto que a musealização de todos estes locais seria utópica e dispensável, garantindo, no entanto, o acesso e a percepção da diversidade e quantidade de sítios de interesse arqueológicos num dado contexto histórico e cronológico⁹⁹.

98 Veja-se, por exemplo, o recurso a uma arquitectura assente em placas férreas para a Fonte do ídolo e para as Termas Romanas do Alto da cidade; ou o recurso a painéis interactivos tácteis com glossários; mapas e reconstituições na generalidade dos sítios arqueológicos mencionados (com excepção da Domus das Frigideiras do Cantinho e da Cloaca Romana da Biblioteca Lúcio Craveiro).

99 Note-se a preferência pela musealização da Domus da Escola Velha da Sé e da Frigideiras do Cantinho em detrimento da musealização da Domus das Carvalheiras. Do mesmo modo se destaca a grande diversidade de tipos de sítios musealizados (no contexto da ocupação romana em Braga – cita-se: termas; Domus; Fontes; etc.)

Simultaneamente, estes sítios musealizados concebem-se como locais de experimentação, de descoberta e sobretudo, como locais pedagógicos, promovendo assim “(...) o reforço do papel concedido à educação nos museus, baseado no entendimento dos próprios museus como centros de aprendizagem e de educação permanente (...)”¹⁰⁰. Esta mesma política é desenvolvida pela Fonte do Ídolo que, frequentemente, chama a si grupos escolares para usufruir de diversas actividades culturais junto das ruínas; e pela Domus da Escola Velha da Sé que associa as ruínas arqueológicas a um restaurante, promovendo assim a integração do espaço musealizado no quotidiano das populações e contribuindo, em consequência, para a sua valorização. As referidas iniciativas educacionais são ainda, no exemplo singular do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, conciliadas com programas de actividades específicos para os vários tipos de públicos¹⁰¹ procurando assim chamar ao museu toda a comunidade, inclusive as pessoas que não lidam de forma espontânea com o património arqueológico, e, deste modo, contribuir para a democratização da cultura¹⁰². Assim, o museu perde o seu cariz elitista (característico da museologia tradicional) e universaliza-se para a comunidade.

Esta abertura dos museus não é, no entanto, adoptada de forma integral nos espaços musealizados de Braga: o vínculo tradicionalista de conceber espaços arqueológicos (em exclusivo) para arqueólogos persiste no Balneário Pré-Romano da Estação, onde o discurso especializado e tecnicista e a inexistente divulgação do sítio musealizado tornam-no incompreensível e apartado da restante comunidade¹⁰³. O que está em causa prende-se com a necessidade de conjugar os discursos museológicos (quer nos textos e legendagem usada, quer nas políticas educativas desenvolvidas ou na própria solução museológica adoptada) com os princípios de ética científica – conciliando assim a necessidade de estimular a atractividade dos museus com um discurso arqueológico sério e verdadeiro.

100 [Camacho, 2008, 12] deve ainda citar-se relativamente a este aspecto Eilean Hooper-Greenhill: “The museum is becoming once more the university of the people, and their schoolroom, but in relation to a new interpretation of education, which is understood today as structured discovery within a life-long framework.” [Hooper-Greenhill, 1994, 2]

101 “O Serviço Educativo desenvolve um programa de actividades específicas para grupos organizados, de instituições de ensino, do básico ao superior, de actividades de tempos livres, centros de estudos, associações culturais e sociais, ou outros, em período lectivo ou em férias. Para além do público infantil e juvenil, estas actividades destinam-se também a públicos adultos, seniores e/ou com necessidades especiais.” In http://mdds.imc-ip.pt/pt-PT/servicoeducativo/Programa2010_11/ContentList.aspx

102 [Camacho, 2008, p. 17] “(...) a atenção aos públicos que não são frequentadores habituais do museu passa também, por vezes, pela programação de acontecimentos especiais em que estes se sintam fortemente convidados e envolvidos a participar”.

No que diz respeito à teoria arqueológica adoptada nos museus e sítios arqueológicos musealizados da cidade de Braga, destaca-se uma tendência de interpretação baseada no positivismo exacto, apresentando-se significados e sentidos únicos, tomados como verdades absolutas sem a devida menção do autor e/ou responsável pelo desenvolvimento quer dos trabalhos arqueológicos levados a cabo, quer da interpretação dos locais e artefactos. Destaca-se neste ponto particular a interpretação adoptada para as Termas Romanas do Alto da Cidade onde se procura apresentar uma única explicação para aspectos sobre os quais não existem mais do que conjunturas. Como excepção nesta tendência positivista realça-se a solução adoptada na Fonte do Ídolo onde são apresentados ao público diversas teorias de interpretação possíveis, todas elas enquadradas com os respectivos autores que as sustentam. Associada a esta tendência positivista é necessário mencionar de igual forma a perspectiva evolucionista adoptada pelo Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa onde se optou por dispor os objectos segundo critérios cronológicos (de forma hermética e com pouca relação entre salas) dando assim uma ideia de uma evolução histórica também ela feita de períodos diferentes que se sucedem de forma compartimentada em lugar de uma história de continuidade, complexidade e interligação.

O que podemos concluir perante esta sucinta apresentação de alguns elementos fundamentais inerentes à procura de integração dos espaços arqueológicos musealizados nas novas correntes teóricas da museologia, e simultaneamente da arqueologia, prende-se com a reformulação da concepção de Museu como um local fundamentalmente inclusivo; próximo dos seus públicos e participante no processo cultural e histórico. Este movimento de reforma da instituição Museu tem contribuído largamente, através da divulgação cultural que potencia, para a defesa do património arqueológico e para a promoção da arqueologia como elemento enriquecedor das regiões. Apesar de Braga já ter dado os primeiros passos neste processo, o caminho a percorrer desde a primazia dos objectos ao primado da pessoa é, contudo, longo e preenchido dos obstáculos impostos pela intensa permanência das visões tradicionalistas, quer da museologia quer da arqueologia. Não obstante, tal como nos revela o slogan do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, “de passagem, venha ver o novo futuro que demos ao passado” Braga, torna-se, cada vez mais, um exemplo para as políticas de musealização de sítios arqueológicos a nível nacional.

103 [Merriman, 2004, p.5] “In examining why professional archaeology has found it important to engage more closely with the public, it is instructive to look at the development of the movement to promote the public understanding of science.”

Referencias Bibliográficas.

Bicho, N. F. (2006). Manual de Arqueologia pré-histórica. Lisboa: Edições 70.

Camacho, C. F. (2008). Museu ao encontro dos públicos e das comunidades: perspectivas e experiências no quadro da Rede Portuguesa de Museus. In C. F. Camacho, A. Semedo, & H. Santos, Actas Conferências Museus e Sociedade. Caminha: Museu Municipal de Caminha.

Edson, G. & Dean, D. (1994). The Handbook of Museums. London. Routledge.

Hodder, I. (1992). Theory and Practice in Archaeology. London: Routledge.

Hooper-Greenhill, E. (1994). Museums and their visitors. London: Routledge.

Merriman, N. (2004). Public Archaeology. London: Routledge.

Raposo, L. (1996). Museus: um ponto de vista conservador. In Linguagem das Coisas Publicações Europa-América.

Semedo, A. (2008). Museus, Educação e Cidadania. In C. Camacho, A. Semedo, & H. Santos, Actas Conferências Museus e Sociedade. Caminha: Museu Municipal de Caminha.